

## PSIQUE ZENÓBIA E THINGUM BOB: DOIS PERSONAGENS POEANOS EM BUSCA DA CRIAÇÃO CRÍTICO/LITERÁRIA

Ana Maria ZANONI DA SILVA  
Universidade do Estado de Minas Gerais

**RESUMO:** A obra do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809- 1849) é vasta e proporciona ao leitor suspense, horror e humor. Charles Baudelaire, ao abordar forma de escritura de Poe, afirma que as cores e o estilo dele “contrastam de forma violenta sobre o fundo da literatura americana” (1993, p.13). A crítica literária, os ensaios e resenhas, por ele escritos, mostram a mesma relação contrastiva se estendendo ao pensamento e atitudes dos norte-americanos, no que diz respeito à democracia, à filosofia, às leis e costumes, à religião e à crítica literária. Os textos revelam a acuidade com que ele expôs a necessidade de (re) pensar o papel da crítica, como, por exemplo, em *Os Charlatões do Hélicon*, em que fica explícito o pagamento de indulgências aos críticos para escreverem resenhas elogiosas para que a publicação da obra fosse realizada.

Os aspectos negativos da crítica expostos nas resenhas e ensaios, vem à tona na criação ficcional por meio do viés humorístico e satírico, sobretudo quando Poe direciona a atenção para os pequenos detalhes do mundo a sua volta e revela, por exemplo, o lado menos vistoso do método adotado pela crítica norte-americana, em *Como escrever um artigo à moda Blackwood*. Nesse conto, a trama narrativa gira em torno do método de escritura fornecido pelo Dr. Moneypenny à Srta Psique Zenóbia, a fim de escrever “um genuíno artigo à Blackwood, de caráter sensacional [...]” (POE,1997, p.483). O alvo da sátira são as publicações góticas e sensacionalistas, bem como uma prática comum da atualidade que consiste em recortar trechos de diferentes obras e montar um outro texto. Mediante o exposto, objetiva-se analisar os contos *Como escrever um artigo à moda Blackwood* (838) e *Vida Literária de Fulano-De-Tal* (1844), para demonstrar como a sátira, neles presente, estende um convite à reflexão a respeito da produção literária e do papel da crítica na modernidade. As análises serão embasadas nos estudos de: BERGSON *O Riso*: ensaio sobre significação da comicidade (2001); PIRANDELLO *O humorismo* (1996); PROPP *Comicidade e riso* (1992), bem como em textos e resenhas do próprio Poe.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Poe; crítica literária; sátira.

### ABSTRACT:

*The work of the North-American writer Edgar Allan Poe is vast and gives the reader suspense, horror and humor. Charles Baudelaire, on embellishing Poe's writing, affirms that the colors and his style “violently contrast the basis of American Literature”. The literary critic, the critical essays and reviews, written by him show the same contrastive relationship extending to the thoughts and attitudes of North-Americans in this regarding democracy, philosophy, laws and customs, religion and literary criticisms. The text reviews an acuity with which he exposes the necessity of re-thinking the role of the critic as for example in the *Os Charlatões do Hélicon*, in which it is clear the payment of indulgencies to the critics to write praising reviews in order to get the work published. The negative aspects of the critics exposed in a reviews and essays in the fictional creation surfaces by means of oblique humor and satire, above of when Poe direction attention to the small details of the world around him and reveals, for example, the less attractive side of the method adopted by North -American critic in *Como escrever um artigo à moda Blackwood*. In this tale, the plot is about of the method of writing given to Srta Psique*

*Zenobia by Dr. Money Penny in order to write “ an genuine article as Blackwood a sensational character” [...]. (POE,1997, p.483). The targets of satire are the both the gothic and the sensationalist publications as well as common practice of the time that consists in cutting out parts from different works in put together in another text. Following the disclosure the objective is to analyze the tales Como escrever um artigo à moda Blackwood (838) and Vida Literária de Fulano-De-Tal demonstrating how the satira presents in the tales invites reflection regarding a literary production and the role of the modern critic. The analyses will be bases on the studies of: BERGSON O Riso: ensaio sobre significação da comicidade (2001); PIRANDELLO O humorismo (1996); PROPP Comicidade e riso (1992), as well as in texts and reviews by Poe himself.*

**KEYWORDS:** Poe; literary critic; satire.

## **Introdução**

Edgar Allan Poe iniciou a atividade crítica, tal como afirma Oscar Mendes, por volta de 1835, quando foi convidado a assumir a função de redator do *Southern Literary Messenger*, para o qual escreveu “ desde as críticas bem raciocinadas e muitas vezes severas até às simples notícias com leve comentário crítico” (1997, p. 29).

No período em que Poe escreve os textos críticos, na literatura norte-americana, cuja origem apoiava-se nos moldes da tradição inglesa e, no final do século XVIII, fora influenciada pelos ideais alemães, franceses e espanhóis, surge o confronto ideológico do nacionalismo contra o internacionalismo, o qual atingiu as diferentes áreas do conhecimento, sobretudo a literatura e a crítica literária. Ao abordar o gosto literário, no ensaio *Crítica de novos livros*, publicado em janeiro de 1842, na *Graham’s Magazine*, Poe destaca e critica a exagerada devoção nacionalista que impregnava os círculos literários e afirma: “A palavra de ordem passou a ser uma literatura nacional!” – como se qualquer literatura pudesse ser “nacional” – como se o mundo inteiro não fosse o único e próprio palco para a representação literária” ( POE, 1968, p 41b).

O gosto exacerbado pelo nacionalismo, a política literária corruptora e oportunista, bem como a ausência de critérios estéticos para apreciação do texto literário foram temas recorrentes tanto na crítica como na criação ficcional poeana. Nas narrativas, a ficção e a crítica se entrecruzam, revelando aspectos teóricos e estéticos essenciais à leitura e apreciação do texto literário, tal como se constata nas análises dos contos em apreço.

## **As Peripécias de Psique Zenobia e Thingum Bob.**

O conto “Como escrever um artigo à moda Blackwood”, do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, foi publicado com o título original de “Psique Zenobia” no *American Museum of Science, Literature and the Arts*, em novembro de 1838. O enredo gira em torno das peripécias da protagonista e narradora Signora Psique Zenobia, cujo objetivo é introduzir na associação denominada de S.O.T.E.R.O.N.A.S.P.A.P.A.S.F.I.N.A.S<sup>1</sup>, um “melhor estilo de pensar e escrever”. (POE, 1997, p.481). Ao apoiar a estrutura narrativa sobre o aspecto mecanicista do método adotado pelos periódicos norte-americano oitocentistas para o exercício da crítica literária, Poe parodia não somente o trabalho dos

---

<sup>1</sup> A sigla S.O.T.E.R.O.N.A.S.P.A.P.A.S.F.I.N.A.S corresponde a Sociedade Ornamental Literária Total Experimental Industrial Regular Ortodoxa Normal Artística Sentimental Psíquica Astrológica Para As Filadelfinas Incrementarem Nobres Aspirações Sociais.

críticos, mas realiza também uma paródia às avessas dos próprios postulados dele, manifestos em resenhas e notas marginais. O traço parodístico fica evidente, por exemplo, na epígrafe que abre a trama narrativa: Em nome do Profeta – figos!”

Segundo David Sova, em *Edgar Allan Poe A to Z* (2001), a epígrafe retoma o aspecto burlesco da expressão usada de forma coloquial e expressa em tom solene nos países do Leste. Considerando que a estrutura do conto retoma a forma de ensaio, observa-se que Poe transpõe o lado menos vistoso da crítica literária para tom jocoso e burlesco, porém, ao longo da trama, esse mesmo tom é percebido pela protagonista como solene devido a ausência de senso dela.

A ausência de senso da protagonista vem à tona na caracterização direta da personagem, com a junção dos nomes Psique e Zenóbia. Se Psique, na mitologia grega, vem a ser uma alegoria da imortalidade da alma, Zenóbia, por sua vez, foi uma heroína, que após a morte do marido, assumiu o trono, tornou-se rainha da cidade Síria de Palmira, venceu batalhas e ampliou o reino durante o século III d.C.. A protagonista considera o nome Signora Psique Zenóbia, como uma metáfora da busca vitoriosa pela alma da criação crítico/ficcional. Vitória que não se concretiza, pois o ato de criar é imortal, ou seja, não possui uma fórmula pronta, possível de ser aplicada a criação ficcional ou crítica.

Ao narrar a própria apiração de ascensão social, que lhe rendeu a alcunha de Snobbs – sigla da expressão latina *sine nobilitate*, de uso corrente durante o século XIX, nas escolas inglesas para designar alunos plebeus, Zenóbia contesta e afirma: “Zenóbia foi uma rainha (eu também...)” (POE, 1997, p. 480). O trocadilho com a palavra *snobbs* mostra a face burguesa e arrogante da protagonista, explícita na descrição, por ela realizada, dos procedimentos adotados pelos demais associados da seguinte forma:

A verdade é que os seus membros se compraziam em discussões demasiado impertinentes. Os trabalhos lidos todos os sábados, à noite, caracterizavam-se menos pela profundidade que pela chocarrice. Eram todos verdadeiro xarope. Não havia investigação de coisa nenhuma. Não se prestava atenção alguma àquele grande assunto: “a conveniência das coisas”. Em resumo, não havia belos trabalhos escritos como este. Era tudo chato deveras! Nem profundidade, nem estudo, nem metafísica, nada daquilo que os sábios chamam espiritualidade e que os ignoros gostam de estigmatizar como “ostentação””. (1997, p. 481).(Grifo nosso).

A repulsa “a conveniência das coisas”, foi descrita por Poe, quatro anos após a publicação do conto em análise, no ensaio “Crítica de novos livros”, publicado em 1842 na *Graham’s Magazine*, nos seguintes termos:

Originalmente, uma “resenha” não era chamada de locus a non lucendo. Seu nome transmitia uma precisa idéia de seu desígnio. Ela analisava ou estudava o livro cujo título inspirava seu texto e, fazendo um exame do conteúdo da obra, julgava méritos ou defeitos. Mas através do sistema de contribuições anônimas, este processo natural perdeu terreno dia após dia. Sendo o nome de um escritor conhecido apenas por uns poucos, o processo tornou-se instrumento não tanto de se escrever bem mas de se escrever fluentemente, a tantos guinéus por lauda. (POE, 1968, p.42b).

Ficção e crítica se entrecruzam demonstrando o percurso da crítica literária oitocentista, de um país que se quer original e independente dos vínculos com Inglaterra,

mas que cai no extremismo ao voltar-se, por exemplo, apenas para o culto aos temas nacionais.

Visando a melhoria dos trabalhos das S.O.T.E.R.O.N.A.S.P.A.P.A.S.F.I.N.A.S, Psique Zenóbia toma como modelo a *Blackwood's Magazine* (1817 – 1980) revista escocesa, fundada William Blackwood e denominada *Edinburgh Monthly Magazine*. Obstinação pelos periódicos britânicos, a protagonista faz do método de escritura a essência de sua vida e mostra o lado risível de seu caráter, pois o objetivo que a anima é apenas uma ideia fixa, um vício adquirido sem nenhuma significação. Na concepção de Bergson o vício torna-se cômico quando “é trazido de fora como uma moldura pronta na qual nos inserimos”. (2001, p.11). Psique Zenóbia se insere nos moldes de escritura, incorporando-os de fora para dentro, representando metaforicamente os críticos desprovidos de senso.

O aspecto vicioso do método crítico fora revelado por Poe no ensaio “Crítica de novos livros” publicado em 1842 na *Graham's Magazine*, da seguinte forma:

(...) nossa crítica se arroja num outro perigo: o de cair no buraco de uma detestável espécie de hipocrisia: a hipocrisia da generalidade. (...) Contudo em nosso caso individual, como nação, adotamos esta direção por influência das resenhas trimestrais britânicas, com base nas quais nossos próprios periódicos trimestrais se moldaram escravizada e obstinadamente. (POE,1968, p. 42b).

No conto em apreço, a subserviência aos modelos britânicos fica explícita por intermédio da explicação a respeito do método de escritura dos artigos sobre política publicados pela *Blackwood's Magazine* feita pelo Dr. Moneypenny. Se o nome Dr. Moneypenny, tal como afirma Sova em *Edgar Allan Poe A to Z* (2001), vem a ser um acrônimo criado por Poe com a finalidade de satirizar os pseudointelectuais que compunham para aquela revista, a explicação fornecida pela personagem mostra também a face comercial e plagiária da crítica literária.

O Sr. Blackwood tem um par de tesourões de alfaiate e três aprendizes que ficam ao seu lado aguardando ordens. Um lhe entrega o Times, o outro o Examiner e um terceiro o Novo Compêndio de Gíria, de Gulley. O Sr. Blackwood apenas corta e intercala. E está pronto. É apenas Examiner, Gíria e Times – depois Times, Gíria e Examiner – e afinal Times, Examiner e Gíria. (1997, p. 481).

Ao valer-se do exagero com fins satíricos, Poe mostra o plágio e a paráfrase sendo empregados como critério de avaliação crítica. Se há um “cortar” de trechos do texto em apreciação, deve haver também as “costuras” na junção das partes, ou seja, da inclusão de uma voz embasada em critérios estéticos, os quais possam servir de sustentação para a expressão de juízos de valor sobre as partes escolhidas. O arremedo mecânico, parodiado na trama antecede o procedimento da era tecnológica, denominado de “Control + C e Control+ V”. Há o entrecruzar da crítica com a ficção. O editor imitando a crítica e a ficção parodiando a essência do método, evidenciando a necessidade de questionamentos a respeito da repetição, “do mecanismo a funcionar por trás do que está vivo”. (BERGSON, 2001, p.25).

A escritura de artigos sensacionalistas, descrita pelo Dr. Moneypenny, mostra o uso de tinta negra, uma pena grande e rombuda para compor trabalhos como: “O Morto Vivo”, “Confissões de um fumador de Ópio”, “Diário de um Médico Falecido” e, também a transposição de tom, recurso estético propício ao cômico: “As palavras devem estar todas

num torvelino, como um corruptio, e fazer um barulho muito semelhante, que soa admiravelmente bem embora nada signifique. É o melhor de todos os estilos possíveis, quando o escritor está muito apressado para poder pensar”. (1997, p.484).

No decorrer das explanações do Dr. Moneypenny, Poe apresenta um dos embriões de seus princípios estéticos sobre a composição, explicitado cerca de oito anos após a publicação do conto, no ensaio *Filosofia da Composição* (1846), sobretudo no trecho em que a personagem afirma: “Suponhamos agora que a senhora já escolheu os acidentes e o tom. A parte mais importante – efetivamente, a alma de tudo – ainda está por vir: refiro-me ao enchimento”. (POE, 1997, p. 484).O efeito satírico e humorístico desse trecho é propiciado pelo emprego das palavras “acidentes” e “enchimento”, que despertam o humor e sátira, porque conduzem Psique Zenóbia a experimentar diferentes acidentes tais como enforcamentos em ligas de meias, ser cozida em um forno, afogar-se etc.

Se no conto o tom solene da narrativa provoca humor, devido a excentricidade dos conselhos, no ensaio a *Filosofia da Composição*, Poe apregoa o emprego de incidentes habituais associados à escolha do tom a fim de corroborar com o efeito pretendido, o qual deveria ser trabalhado ao longo da trama por meio de escolhas que colocariam no campo visual do leitor elementos propícios à intensificação ou a mudança de efeito. Não se trata de encher as partes com belas palavras, ou expressões de outros idiomas, mas de organizá-las harmoniosamente. Novamente ficção e teoria se entrecruzam e, ao descrever, na trama narrativa, a concepção mecanicista do ato de criação, Poe revela a face parodística da crítica literária.

Se no conto em apreço, a protagonista recorre às orientações do Dr. Moneypenny para compor um artigo, as peripécias, por ela vivenciadas, são apresentadas em uma segunda narrativa intitulada de “Uma Trapalhada: continuação do relato precedente”, publicada em dezembro de 1838, no *American Museum of Science, Literature and the Arts*, com o título de *The Scythe of Time*.

Psiquê Zenóbia acompanhada por um escravo de nome Pompeu e um cãozinho de colo são introduzidos em uma Edimburgo às avessas, com mulheres esganiçando, porcos assobiando e cachorros dançando. Nesse cenário caótico, arrebatada pelas sensações e seguindo as instruções do editor, a protagonista entra em uma catedral gótica, sobe até o campanário e acaba sendo degolada pelo ponteiro do relógio, cena, por ela descrita da seguinte forma “ A lâmina estava agora quatro polegadas e meia mergulhada no meu pescoço e só faltava um pedacinho de pele a ser cortado”. (POE, 1997, p. 493). O arremedo mecânico chega ao extremo, porque mesmo após ser decapada, a protagonista ainda narra as sensações do acidente, afirmando: “ um grande herói, no calor do combate, não tendo percebido que havia sido belamente morto, continuou a lutar veementemente (...)”. (POE, 1997, p. 486). Na cena composta por Poe não se trata mais do corpo sobrepujando a alma, tal como afirma Pirandello, mas desta sobrepujando aquele, convertido em mera marionete manipulada por uma alma obstinada e sem elasticidade, cujo único objetivo vem a ser o de transformar a experiência real em arte ou artigos sensacionalistas.

A morte de Psique Zenóbia constitui uma metáfora dos postulados poeanos apresentados em *Marginália*:

Crescem nossos críticos em número a tal ponto que se deveria, pelo menos, dizimá-los. Será que não temos um crítico com bastante nervos para estrangular dois ou três in terrorem? Deveria ele fazer uso, naturalmente, duma corda de

seda, como se faz na Espanha, para os Grandes, de sangue azul. (POE, 1997, p. 1001).

Se o desejo mecânico de Psique Zenóbia a conduziu a morte, Thingum Bob, Esq., personagem principal do outro conto em apreço, obtém sucesso.

O conto “Vida Literária de Fulano-De-Tal”, publicado por Poe, no *Southern Literary Messenger*, em 1844, com título de *Literary Life of Thingum Bob, Esq.*, e sua trama articula a ascensão literária de Fulano-de-Tal, um jovem, cujo pai Tomás de Tal é dono do armazém onde se reunia o corpo editorial da cidade. Ao traduzir o título desse conto, Oscar Mendes recupera o trocadilho feito por Poe com a palavra “thingumbob”, ao convertê-la em dois nomes próprios Thingum e Bob. A tradução literal do título, “Vida literária do senhor fulano”, deixa transparecer a ideia de que se trata de uma pessoa específica, cujo nome foi omitido e substituído pela palavra fulano. Ao acrescentar o termo “Tal” ao nome Fulano, Oscar Mendes recupera o sentido de superioridade e de grande mérito implícito na palavra fulano e resgata para o título a sátira aos méritos encomendados, presente no desenrolar da trama.

A ascensão do protagonista é enunciada no início da trama, uma vez que ele pretende dar a conhecer os primeiros passos que o conduziram “ao pináculo do renome humano” (1997,p.565). Ele é inspirado pelos momentos em que o diretor do Moscardo “(...), recitava em voz alta, diante dum conclave de nossos aprendizes um inimitável poema, em honra do “Único Genuíno Óleo-de-Tal”, (...) e por cuja efusão o editor do Moscardo era pago, pela firma de Tomás-de-Tal e Cia (...)”. (1997, p.565). Tanto nesse trecho da trama como na passagem em que o pai aconselha o protagonista, transcrita a seguir, Poe mostra a face comercial da crítica.

(...) o comércio do jornalista é melhor, e se você puder ser poeta ao mesmo tempo (como são os jornalistas, na sua maior parte, entre parêntese), ora , com uma pedrada só matará dois pássaros. Para encorajá-lo no começo das cosias vou dar-lhe um sótão, pena, tinta e papel, um dicionário de rimas e um número do *Moscardo*”(POE, 1997, p. 566).

A sátira ao aspecto tecnicista da criação se deixa ver, pois apenas tinta, papel e um dicionário de rimas são os atributos suficientes para se tornar um grande poeta. A concepção satírica de Poe vai além do aspecto tecnicista da criação e mostra também o plágio. Obter sucesso compra edições de poetas, como Dante, Shakespeare e Milton, copia os poemas, assina-os com o pseudônimo de Opodeldoque e os envia as principais revistas. O pseudônimo Opoldedoque, segundo Burton, caracteriza um dos usos que Poe faz da patente médica na tessitura do conto, revelando assim a face burlesca do processo de criação associado a fórmulas prontas. Os nomes conferidos as revistas, como por exemplo, O Idiota, Caramelo, Gansopapavental e Tumulto, revelam aspectos da falta de senso e método para avaliação.

Poe mostra a ausência de senso crítico, no trecho em que o protagonista narra a resposta da revista Tumulto:

Recebemos uma comunicação, bastante singular e insolente, de uma pessoa (...), que se assina “Opodeldoque”, profanando assim a grandeza do ilustre imperador romano do mesmo nome. Acompanhando a carta (...), encontramos vários versos do mais repugnante e ininteligível bombástico a respeito de “anjos” e “ministros da graça”, (...) E por esse refugio dos refugos somos modestamente solicitados a “pagar prontamente”. Não senhor, não! Nada pagamos por coisa dessa laia.

Dirija-se ao Idiota, ao Caramelo ou ao Gansopapavental. Esses periódicos aceitarão sem dúvida qualquer “varredura” literária que lhes possa enviar como também sem dúvida prometerão dar-lhe dinheiro por ela. (POE, 1997, p.568).

A negociata descrita pelo narrador protagonista de forma natural revela a valorização do comércio literário. A transposição do tom solene, com o qual deveria ser tratada a apreciação da obra em um objeto meramente comercial, para o trivial reforça sucesso comercial no universo das letras. Poe satiriza ironicamente as revistas, uma vez que essas são caracterizadas como periódicos incapazes de reconhecerem uma “varredura literária”, ou seja, a criação como produto de mero plágio.

Ao descrever os elementos que suscitam o riso, Bergson afirma que o cômico pode ser despertado através da combinação de atos e de acontecimentos que proporcionem “a ilusão de vida e a sensação nítida de arranjo mecânico” (Bergson, 2001, p. 51). Tanto nas aventuras de Psique Zenóbia como nas Thingum Bob, a ilusão de existência de uma técnica, viva e propícia ao uso, sem que haja a reflexão, mostra o arranjo mecânico que rege a vida literária descrita em ambos os contos.

Thingum Bob, ao final da trama, fora convertido em marionete, cujos fios são manipulados pelo Sr. Crustáceo editor do Caramelo. A manipulação e condução chegam ao extremo, pois o protagonista ao final da trama, além de torna-se famoso por escrever textos chicoteando os demais periódicos, acaba por exterminar o próprio pai a fim de atender os conselhos do editor.

Se em “Como escrever um artigo à moda Blackwood”, o editor da revista usa tesourões para recortar as partes dos jornais para depois juntá-las formando um novo texto, no conto em apreço, o protagonista vale-se do mesmo procedimento e obtém sucesso com a mesma técnica:

Comprava(...) emplares dos Discursos de Lorde Brougham, das Obras Completas de Cobbet, da Nova Epítome da Giria, da Arte Completa de Depreciar, da Introdução ao Aprendizado de Anuncios (...) Cortava completamente essas obras com uma raspadeira de cavalos e depois, colocando os fragmentos numa peneira, investigava cuidadosamente tudo quanto pudesse ser pensamento decente (...), separando as frases ásperas, que atirava numa grande galheteira de lata para pimenta, com buracos longitudinais, de modo que uma sentença inteira podia sair através dele sem prejuízo material. A mistura estava então pronta para ser usada (...), eu untava uma folha de papel almaço com a clara de um ovo de ganso; depois, retalhando a coisa a ser criticada, como previamente retalhara os livros (...), atirava os últimos fragmentos junto dos primeiros, atarraxava a tampa da galheteira, dava nesta uma sacudidela e depois pulverizava a mistura sobre a folha de papel almaço, untada de clara de ovo; ali ela se prendia. O efeito era belo de ver-se. (POE, 1997, p. 576).

Utilizando o exagero para descrever o ato de cortar o texto com raspadeiras de cavalos, Poe mostra a irracionalidade do método em voga naquela época, ou seja, o amalgamar de fragmentos de vaga generalização.

Na concepção de Muecke, para usar a ironia como uma estratégia da sátira é necessário “inventar ou apresentar uma personagem idiota que defende ineptamente e retrata inconscientemente o ponto de vista que o autor deseja condenar” (MUECKE, 1995, p.34). Em ambos os contos os protagonistas são os fieis defensores dos preceitos

ridicularizados por Poe: o emprego de fórmulas prontas para a composição literária e o lucrativo comércio de uma atividade crítica desprovida de senso estético.

### **Considerações Finais**

Valendo-se de recursos linguísticos e estéticos tais como a transposição do tom burlesco para o sério e vice-versa, o trocadilho e o exagero, Poe, por meio das peripécias de ambos protagonistas, revela o lado burlesco e comercial da crítica literária, bem como a apreciação tecnicista motivando o descuido com o lado artístico, ou seja, estético. Segundo Dawn B. Sova, em *Edgar Allan Poe A to Z* (2001, p. 29), as publicações Blackwood's Magazine eram frequentemente góticas e sensacionalistas e influenciaram Poe. Embora Poe sofra a influência do estilo sensacionalista dos periódicos daquela época, sua crítica se destaca tanto pelo rigor como pela divergência da apreciação realizada pelas revistas e magazines locais, sobretudo quando ele afirma que a crítica “não é um teste de opinião. O teste é a própria obra, que, despida de suas pretensões, como produto de arte, é revolvida em suas entranhas para discussão pelo mundo afora”. (POE, 1968, p. 44,b).

### **Referências**

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a Significação da Comiciade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Burton R. Pollin, “Poe’s Literary Use of ‘Oppodeldoc’ and Other Patent Medicines. In: **Poe Studies**. December 1971, vol. IV, no. 2, 4:30-32.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: perspectiva, 1995.

PIRANDELLO, Luigi. **O humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996.

POE, Edgar Allan. **Poe Essays and Reviews**. New York: The Library of America, 1984.

\_\_\_\_\_. **Ficção Completa, Poesias & Ensaios**. Trad. de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

\_\_\_\_\_. Crítica de Novos Livros. In: **Antologia de crítica literária**. Org. Albert D. Van Nostrand. Trad. Márcio Cotrim. Rio de Janeiro: Lidador, p. 41-44, 1968 a.

\_\_\_\_\_. Os contos de Hawthorne. In: **Antologia de crítica literária**. Org. Albert D. Van Nostrand. Trad. Márcio Cotrim. Rio de Janeiro: Lidador, 45-53, 1968b.

PROPP, Wladimir. **Comicidade e Riso**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

SOVA, Dawn B. **Edgar Allan Poe A to Z. The essential reference to his life and work**. New York: Checkmark Books, 2001.